



Coordenação de Armindo Rodrigues

Autor:

Álvaro Borralho

Professor Auxiliar da FCSH/UAc

Investigador do CICS.NOVA.UAc e CICS.UAc

O olhar da Sociologia sobre a religião

Apesar de se ouvir dizer que a religião não merece explicação científica, a verdade é que os actos religiosos (símbolos, rituais, celebrações, etc.) têm explicação para além daquela que a religião lhe dá. E uma dessas explicações, talvez a mais globalizante em termos científicos, seja a da sociologia. De entre os fenómenos sociais, a religião foi um dos que mais cativou a atenção da Sociologia no seu início e dos primeiros sociólogos. De tal forma, que os fundadores desta ciência social teriam sido, simultaneamente, os fundadores da Sociologia da Religião (Cipriani, 2004: 13). Émile Durkheim, um dos primeiros sociólogos, é mesmo autor de um estudo – *As formas elementares da vida religiosa* (1912) – que constitui ainda uma referência central na análise sociológica. É dele o seguinte: “a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações colectivas que exprimem realidades colectivas; os ritos são modos de agir que só nascem no interior de grupos homogêneos e que se destinam a suscitar, a alimentar ou refazer certos estados mentais desses mesmos grupos” (2002: 13). Significa isto que, para a sociologia, a religião é produto da sociedade de onde emerge e é nessa sociedade que devem ser procuradas as explicações para a sua relevância social.

Sendo um fenómeno bastante complexo, a religião apresenta diversos níveis de análise, compreendendo crenças, ritos e comunidade de fiéis (igreja). Além disso, abrange diversas acepções religiosas, sendo o cristianismo – a mais comum na nossa sociedade – uma delas. Uma primeira dimensão de análise é descortinar a dimensão do fenómeno religioso, em especial, saber de que modo a filiação religiosa tem evoluído ao longo do tempo. Isso é possível, por exemplo, através de um indicador que restitui a identificação sócio-religiosa de uma população, neste caso a portuguesa.

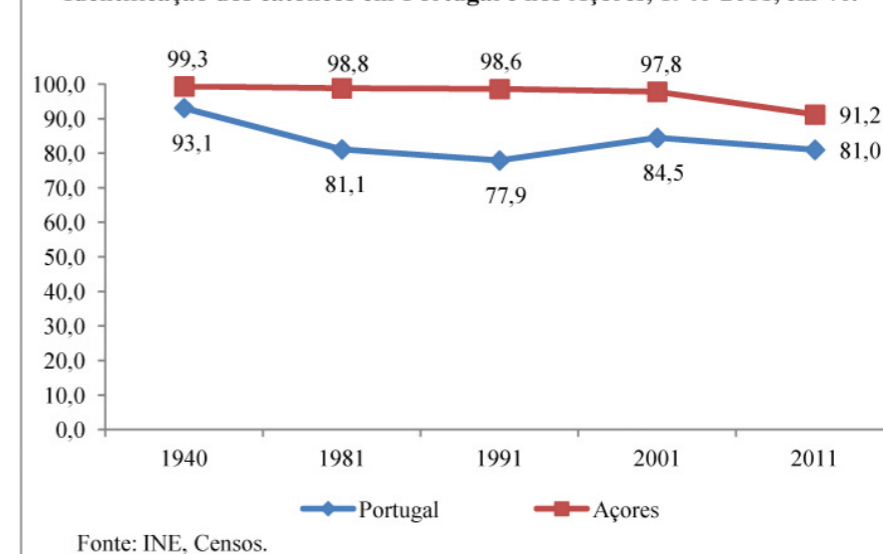
Verifica-se que a população portuguesa é maioritariamente constituída por católicos, valor que atingia, 93,1%, em 1940, mas que vai baixando ao longo das décadas

seguintes atingindo 81% em 2011. Da mesma ordem, nos Açores, verifica-se a mesma tendência, mas com valores mais elevados e relativamente mais estáveis, com excepção da última década onde baixou mais significativamente. Em todo o caso, o valor é superior ao nacional, atingindo 91,2%.

A identificação é um indicador útil, mas não o único para caracterizar a prática religiosa. Embora o número de católicos ainda seja elevado, mais nos Açores do que no País, vários estudos têm revelado, inclusive da igreja Católica, que os praticantes efectivos são menores. Por exemplo, “segundo o Recenseamento da Prática Dominical de 2001, o número total de praticantes não chegava aos 2 milhões de fiéis” (Medeiros, 2008: 13). Significa isto haver uma clara diferença entre identificação religiosa e prática religiosa. Ainda ao nível da prática têm-se detectado variações importantes, verificando-se estarem as mulheres, em geral, mais presentes nos actos religiosos do que os homens. Um estudo efectuado em Ponta Delgada comprova: a prática dominical da missa registava nos homens 31,5% e nas mulheres 45,5% (valores médios). Esta prática é mais elevada entre as pessoas mais velhas, atingindo 70,8% entre os que têm 51 ou mais anos e sendo de apenas 21,7% entre os mais novos (18-25 anos) (Medeiros, 2008: 109).

Esta tendência é ainda verificável ao nível da confissão e da comunhão, dois elementos mais fortes da prática religiosa, considerados sacramentos. E volta a verificar-se a mesma tendência de estas duas práticas registarem valores mais altos para as mulheres do que para os homens. A explicação para este abaixamento da identificação religiosa, e das práticas a ela associadas, tem a ver com o tipo de mudanças trazidas pela modernidade, nomeadamente, a secularização. A secularização, ou perda de influência da religião na vida social, embora não seja um fenómeno recente, tem, nas últimas décadas, produzido efeitos mais notórios, em especial, em sociedades mais modernizadas e mais propensas à mudança social.

Coordenação de Armindo Rodrigues

Identificação dos católicos em Portugal e nos Açores, 1940-2011, em %.**Referências bibliográficas:**

Borralho, Álvaro (2013), *A Sagrada Aliança. Campo religioso e campo político nos Açores, 1974-1996*, Lisboa, Mundos Sociais.
Cipriani, Roberto (2004), *Manual de sociologia da religião*, Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
Durkheim, Émile (2002), *As formas elementares da vida religiosa*, Oeiras, Celta Ed.
Medeiros, Octávio H. Ribeiro de (2004), *Os Trilhos da Fé. Práticas e representações religiosas em S. Miguel*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Medeiros, Octávio H. Ribeiro (2008), *Entre o Culto e o Sentido. Fé professada, celebrada e vivida em meio urbano*, Ponta Delgada, Instituto de Cultura Católica.

Referência deste texto:

Borralho, Álvaro (2016), “O olhar da Sociologia sobre a religião”; *Açoriano Oriental. Açores magazine*, n.º 11961, 27 de Novembro de 2016, pp. 28-29



XI Encontro de Sociologia dos Açores Universidade, Educação e Desenvolvimento

Realizou-se nos passados dias 17 e 18 de Novembro, o XI Encontro de Sociologia dos Açores que teve como tema Universidade, Educação e Desenvolvimento. O Encontro realiza-se desde 1996 e, neste ano do 40.º aniversário da Universidade dos Açores e do 20.º aniversário do curso de Sociologia, foi dedicado a debater e a reflectir sobre: as Ciências Sociais e o Ensino Superior; o Ensino Superior

e o Emprego; a Escola e as Políticas Educativas e o Ensino Superior: Cidadania e Desenvolvimento. A última sessão consistiu num debate sobre O Futuro do Ensino Superior em Portugal, que foi gravado pela RTP Açores e será transmitido em data a anunciar. O encontro contou com a apresentação de 13 comunicações, de 19 sociólogos nacionais e estrangeiros, e foi, como sempre, de entrada livre.